



*Gustavo Barroso*

# Revista da Academia Cearense de Letras

Diretor: MÁRIO LINHARES

---

ANO LXIV

FORTALEZA - 1960

Nº. 29

---

## GUSTAVO BARROSO

HERMAN LIMA

A morte de Gustavo Barroso leva-me irresistivelmente aos meus tempos de menino e adolescente no Ceará. Com êle vai assim um pedaço da minha vida, naquilo que mais fundo me ficara no coração, dos albores da minha emoção e da minha inteligência, numa afinidade nascida dos primeiros reflexos da minha admiração pelo escritor ainda também na madrugada das suas letras. Vem, pois, de muito longe a projeção do espírito dêsse grande e querido amigo na minha vida de rabiscador de livros, desde quando, em 1908, pelos onze anos, leitor desde o primeiro número d'O Tico-Tico, me apareceu pela primeira vez o seu nome, na capa daquela revista infantil, que era o encantamento maior na quietude dos meus dias de menino insulado entre os frondosos cajueiros do nosso sítio do Meireles.

Ele próprio, pelo cinquentenário do jornalzinho da nossa infância, assim lembrava também aquela colaboração, remetida ainda de Fortaleza, e excepcionalmente publicada pelo pequeno semanário carioca:



“Fui um entusiasta d’O **Tico-Tico**. Hoje se diria fã. Tão entusiasta que, alguns anos após o seu aparecimento, quando, ao raiar da mocidade, comecei a dar os primeiros passos na profissão de jornalista e escritor, nêle colaborei com uma história de fadas e aventuras estupefacientes, cujo herói viajava montado na cauda dum cometa, ia à lua e ao céu, em cuja porta conversava com S. Pedro. Intitulava-se o **Anel Mágico**, e era profusamente ilustrada a côres por mim mesmo, que nesse tempo tinha pretensões a desenhista...”

Ainda hoje, passado meio século, tenho, entre outros números da pequena revista, poupados à ação do tempo, um exemplar com um capítulo da história — e não foi sem uma profunda emoção que um dia dêstes, na manhã de Natal, justamente, cheia de claridades como as que se abriam então sôbre o alpendre do velho casarão familiar da minha meninice, eu me pus a reler aquelas divertidas aventuras fantasistas.

Eu sabia que o autor era filho do tabelião Felino Barroso, morador num sobradinho branco, de portas e janelas azuis, quase pegado ao prédio de três andares, de fachada aberta em azulejos amarelos, que fôra de meu bisavô José Lourenço de Castro e Silva, na rua Major Facundo, pequeno e antigo sobrado que o próprio Gustavo haveria de descrever, muitos anos depois, numa conferência sôbre os seus encontros com Eça de Queiroz — “a ampla sala de visitas com suas cadeiras de vinhático, suas credências de pés de garra e seu alto espelho, cuja moldura dourada o tempo esverdinhará”, e onde o sol entrava pelas largas janelas envidraçadas.

Seu nome, alternado com o pseudônimo de João do Norte, que adotaria logo, principiava a surgir nos jornais da terra, e meu Pai contava que o conhecera, menino endiabrado, perambulando pela cidade, tendo-me mostrado mesmo, certa vez, na calçada de uma das casas da antiga rua Formosa, onde êle nascera, um navio, navegando em largo mar calmo, com um longo penacho de fumo varando o céu, aberto a prego, na laje, pa-

cientemente, pelo próprio Gustavo, como faziam muito, deitados de barriga no chão, os garotos daquele tempo.

Pouco depois sabia dêle, já no Rio de Janeiro, donde chegaria mais tarde, em 1912, a notícia do seu triunfal aparecimento no mundo das letras, com a estréia de **Terra de Sol**, consagrada de logo pelo unânime louvor de Rui Barbosa, João Ribeiro, José Veríssimo, Graça Aranha, João do Rio, Sílvio Romero e de quantos pesavam no momento na balança da fama literária no Brasil. "Faltava êste livro, é a impressão que todos temos, após a leitura, dizendo-o não poderíamos dizer mais nem melhor" — proclamava, por exemplo, o mestre do **Fabordão**. **Terra de Sol** tem, para mim, duplo interesse, como obra de arte e como documento étnico social de vasta região do meu amado norte. "Hei de utilizá-lo oportunamente" — secundava Sílvio Romero. "O sol e as terras do norte se refletem com o encanto da verdade nas páginas de **Terra de Sol**, onde o talento da pintura literária tem rasgos de colorido e vida que muito honram o jovem escritor" — eram as palavras de mestre Rui.

Muito familiarizado sempre com as revistas do Rio, adquiridas tôdas as semanas por Papai, não tardei em ver um dia o jovem escritor, num instantâneo da Avenida Central, em página inteira do **Fon-Fon!**, emoldurado pelos mais quentes elogios, ao mesmo tempo em que na **Careta**, no famoso **Almanaque das Glórias**, seção de biografias-relâmpagos, firmadas por Voltaire (Leal de Souza) e ilustradas por **portraits-charges** de J. Carlos, e onde só apareciam, além dos **gros bonnets** da política, os grandes nomes das letras brasileiras, eu encontraria de novo meu patrício, fixado pelo lápis do príncipe do nosso traço cômico: uma silhueta esguia, da mais alta e requintada elegância, botinas de verniz sob o cano das polainas, luvas, bengala, colarinho de pontas viradas, gravata borboleta dum laço exímio, largo chapéu de feltro, e uma bela cabeça adolescente, poupada de qualquer linha deformante pelo artista, a boca enérgica e os olhos circundados de profundas olheiras, num ar distante e nostálgico.

As palavras do poeta do **Bosque Sagrado** exaltavam igualmente o “jovem rapsodo do Ceará”, embora êste reparo malicioso, muito da praxe da coluna: “Além das suas magníficas qualidades literárias, possui Gustavo Barroso nobres qualidades de caráter, mas aquêle dos seus invejáveis dotes, de que mais se ufana o modesto João do Norte, é a sua meiga boniteza de rapaz galante, pois, no cândido pensar de João do Norte e no irônico dizer do crítico Miguel Melo, o elegante Gustavo Barroso é o mais formoso cultor das nossas letras”.

Tudo isso, num tempo em que notas dessas, naquelas duas revistas cariocas, eram a consagração mundana e literária no Brasil, não podia deixar de impressionar vivamente o menino curicso que, da sua província distante, ia seguindo a resplendente trajetória do jovem conterrâneo. Mas, a surpresa maravilhosa, que me daria um verdadeiro impacto emocional, viria no ano seguinte, quando, na edição de Natal do mesmo **Fon-Fon!**, ilustrada por desenhos de K. Lixto e colaborada por Lima Campos, Gonzaga Duque, Mário Pederneiras, Olegário Mariano, Álvaro Moreyra, Ronald de Carvalho, Felipe de Oliveira, Rodrigo Otávio Filho e outros que passariam depois a ser também familiares ao meu conhecimento, eu lia um conto de Gustavo Barroso, **Velas Brancas** — história dum velho pescador do Meireles, Matias Jurema, que havia cegado e não podia ir mais ao mar, contentando-se em seguir, cada manhã e cada tarde, a labuta dos companheiros, aviventada no fundo da sua memória pelos comentários que ouvia à beira-mar. Até que um domingo de Ramos, quando todos os parentes tinham ido à missa na cidade, o povoado triste e silencioso, quase ninguém na praia, as velas das jangadas secando ao sol, “o velho saiu de casa e dirigiu-se à costa. As apalpadelas preparou uma jangada pequena, um **paquêto**, pô-lo a nado, sentou-se à pôpa e, governando a escota, rompeu pelo mar em fora, sob o ouro faiscante do sol. E a vela branca da embarcação apagou-se no céu...”

Tudo, nessa página, que eu sempre considerei uma obra-prima do conto regional brasileiro, as conversas dos pescadores,



o perfil dos jangadeiros, o trestalo das velas abrindo, o risco do mar verde pontilhado de jangadas, o ribombo das ondas nos rochedos da ponta do Mucuripe, tudo aquilo era **meu**, eu via, e ouvia, e sentia, desde os primeiros anos da minha infância, ao seu contacto e à sua visão de todo dia, eram como que palavras encantatórias, abrindo minha mente fascinada, como se uma grande voz ressoasse dentro de mim, tal a do oceano, do bôjo dos grandes búzios.

Por aquêlo tempo, a exemplo do que acontecera anos antes ao próprio Gustavo, talvez mesmo num mimetismo inconsciente, eu já havia também remetido para **O Tico-Tico** quatro ou cinco desenhos que foram pontualmente publicados na capa da revista e isso constituía uma vitória de que até hoje não me veio outra em condições de emparelhá-la.

**Velas Brancas**, no entanto, é que iria dar o rumo definitivo ao mundo ainda incipiente das minhas tendências intelectuais. Muito de longe, do fundo misterioso de minhas faculdades criadoras, foram tomando corpo lentamente outras histórias de beira-mar, onde entravam as caboclinhas bonitas que desde muito boliam com minha ternura e com os meus alvoroços adolescentes, os pescadores tismados que eu me acostumara a admirar para sempre, o aço incandescente daquele céu sem segundo, o esmalte daquelas ondas também únicas, homens, coisas, paisagem, tudo, tumultuariamente, à porfia no meu espírito, em busca de evasão.

Aconteceu, então, logo depois que, em virtude da queda da oligarquia Accioly, tão combatida nos seus verdes anos pelo jovem escritor, Gustavo, em 1914, nomeado Secretário do governo do tio, General Benjamin Barroso, haveria de retornar ao Ceará, donde saíra quatro anos antes, pobre e desamparado, para a conquista da metrópole, como todos os rapazes dados às letras sabíamos em nossa terra.

A notícia dos seus recentes triunfos, desde a publicação de **Terra de Sol**, mais subia êle em nossa admiração, quando se comentava também a amargura dos seus primeiros tempos na



capital da República. Dizia-se que muita vez dormira em bancos dos jardins públicos e não raro curtira dias de fome, o que êle próprio confirmaria, muitos anos depois, ao falar na Livraria Carlos Ribeiro, quando do lançamento da quinta edição daquele grande livro, lembrando justamente como o escrevera: "sem tostão na algibeira e muitos sonhos na cabeça; andanças por terras de Minas, dificuldades, falta de emprego e, sobretudo, as saudades que o curtiavam. — Só tinha um pensamento: voltar para o Ceará. — Mas, dizia consigo mesmo — cadê coragem de enfrentar a família e os amigos, depois de haver fracassado? Por êsse tempo começou a freqüentar a casa de Coelho Neto, onde comia o jantar em mesa hospitaleira e ao mesmo tempo fazia amizade com os figurões da vida literária. Em longas e gostosas conversas, evocava a terra distante, velhas histórias de família, casos de vaqueiros, de sêcas e invernos e, especialmente, falava de sua grande saudade do Ceará. Foi quando Coelho Neto o convenceu de que deveria botar tudo aquilo em livro."

Tudo sabíamos, assim, a seu respeito, e nunca me esqueci duma crônica do jornalista cearense Chamarion (Emídio Barbosa), lembrando, há quase quarenta anos, certo passeio, na companhia de Gustavo, na véspera da partida dêste para o Rio, até altas horas, pelas ruas de Fortaleza branquinhas de luar, Gustavo amargando já as saudades da sua cidade muito amada que ia deixar até quando só Deus sabia. O branco das fachadas e das tôrres das igrejas, no alto, sob a prataria do luaceiro, tinha reflexos de água que lhe umedecia também os olhos — e o que eu sentia àquela leitura, com igual apêrto na garganta, era a mesma saudade antecipada, pelo que mais dia menos dia aconteceria igualmente comigo, pois, desde menino, eu dizia sempre que, sem ter um tostão de meu, haveria de morar no Rio e fazer uma viagem à Europa. A predestinação da raça facilita dêsses surtos proféticos, na base do mesmo anseio de emigrar.

Os ídolos de nossa geração não eram Elvis Presley nem Frank Sinatra. Todos nós, que tínhamos no mais remoto do peito alguma aspiração de vitória, sonhávamos caladamente em seguir

um dia os passos daqueles que lá fora, na metrópole, como Gustavo, tinham aberto caminho sòzinhos e desajudados, na *selyaggia* de tôdas as agruras da cidade grande.

Daí a satisfação íntima com que celebrávamos a volta de um triunfador como êle, aos vinte e cinco anos autor festejado de um livro que todos exaltavam, redator do **Jornal do Comércio**, redator do **Fon-Fon!**, Secretário do Govêrno do Estado.

Por acaso, trabalhava eu, nessa ocasião, na Fotografia Olsen, onde, dias depois de sua chegada, o jovem Secretário do Interior iria justamente fazer uns retratos para a imprensa. Eu já o tinha visto antes, no seu desembarque na ponte metálica, mas sem coragem para qualquer aproximação, como ainda naquela hora em que podia observá-lo de mais perto.

Alto, espadaúdo, o peito aberto numa altaneria de gladiador, era aquêle mesmo esbelto rapaz da caricatura de J. Carlos, aquela mesma beleza varonil da cabeça de traços enérgicos contrastando estranhamente com o olhar velado, de uma singular melancolia sonhadora, e o vejo tão nitidamente agora, como se o tivesse diante de mim, quando espiava meu paltrão, o fotógrafo Luis Correia, ageitar-lhe o busto, num certo quebrar de ombros, para ressaltar maior da larga armadura peitoral, e mais viril realce do perfil nitidamente romano, de que a luz dos vidros foscos do *atelier*, hàbilmente manejada pelo profissional, acentuava o relêvo.

Essa, aliás, foi também a imagem que se gravou na lembrança de outro rapaz do mesmo tempo, segundo as palavras de Austregésilo de Ataíde, no adeus que lhe dirigiu, em nome da Academia:

"Nesta hora de desenlace, quando se cumpre a sentença irrecorrível, são as imagens da vida que estranhamente povoam o nosso espírito. A primeira que me ficou de um encontro que nem sequer percebeste, quando vinhas de chôfre como uma aparição maravilhosa diante do adolescente que, entre os seus colegas do Seminário de Fortaleza, esparecia nos arredores da ponte metálica, naquela longa praia que leva ao Mucuripe.

Montavas um cavalo alazão e entre os olhares atônitos dos rapazes que humildemente se preparavam para o sacerdócio, passaste como uma visão romântica de inesquecível beleza.

Terias vinte e cinco anos e já eras o famoso autor de **Terra de Sol**. “João do Norte!”, exclamou um dos seminaristas e foi como se um frêmito de admiração e de glória apanhasse aquela comunidade de monges que viviam na distância das coisas do mundo, mas também sonhavam com o triunfo literário de que, aos seus olhos, eras o símbolo palpitante”.

Essa bela aparência persistiu, no correr dos anos, como testemunham tantas de suas fotografias, especialmente do velho Musso ou de Hubner & Amaral, o ar um tanto arrogante, o largo peito constelado por tôdas aquelas condecorações que eram motivo de ironia e também muita vez de muita inveja dos seus desafetos. Daí, o prestígio de sua presença, simultâneo com o **re-lêvo** que lhe davam ao nome os seus livros, de tão profunda repercussão na província — e ainda na minha última viagem ao Ceará, em agosto, quando êle também lá se encontrava, tive ocasião de testemunhar certo episódio de um imprevisto delicioso, ligado a êsse aspecto de sua personalidade.

Estávamos na Livraria Renascença, de nosso amigo Luís Maia, ao cair da tarde, ouvindo-o falar, quando uma jovem e bonita senhora, que se achava a pouca distância do nosso grupo, muito atenta, se aproximou dêle e disse, com a maior naturalidade e um desembaraço que nos encantou a todos:

— Dr. Gustavo Barroso, eu sou Fulana, mãe de nove filhos, conheço muito o senhor. Pois estava dali, olhando para o senhor e vendo que o senhor ainda está bonito!

Então Gustavo, que a vira chegar, recostado um tanto molemente na cadeira, aprumou-se e com um tom de leve malícia replicou:

— Minha senhora, a senhora sabe que hoje é a segunda declaração destas que eu ouço? Ainda de manhã, na casa dos amigos onde almocei, uma velha parenta, que não me via há muitos anos, me dizia também: — Gustavo, você sabe que ainda tem to-



dos os traços bonitos da mocidade? — De modo que é muito agradável o que a senhora me diz. — E, numa profunda reverência, galantemente, se levantou para cumprimentar a amável conterrânea.

Em 1915, ainda durante a sua permanência no Ceará, donde sairia para a Câmara Federal, publicava eu, num jornalzinho literário fundado por mim e Sabóia Ribeiro, meu amigo desde aquela hora, umas palavras de canhestro louvor ao autor de **Praias e Várzeas**, seu segundo livro, então aparecido. Entretanto, ainda nunca lhe dirigira a palavra, na minha timidez de rapaz pobre, metido no meu pobre terno de brim mal ajambrado — desde que, positivamente, me deslumbrava diante daquele que, além de escritor triunfante, era considerado o mais belo e elegante leão da moda das calçadas da Avenida Central e dos salões de Botafogo. O que mais me comove hoje, no entanto, é a coincidência de, no mesmo número daquela fôlha efêmera, ter sido publicado o meu primeiro conto de jangadeiros do Meireles, que Antônio Sales, mais tarde, transportaria consagradoramente para aquelas mesmas páginas do **Fon-Fon!**, onde eu tinha lido o primeiro conto de Gustavo.

Por êsse tempo, já o meu querido Alcides Mendes me havia pôsto nas mãos Eça de Queiroz, Flaubert, Fialho d'Almeida, Coelho Neto, Afonso Arinos, mas, o prestígio das letras de Gustavo Barroso continuava, e quando, em 1924, saiu meu primeiro livro, era, naturalmente, oferecido a êle — e foi por um seu parecer, contrariando ponto de vista esdrúxulo de Humberto de Campos, que, na Academia, como relator, pusera o livro nas alturas, recusando-lhe, porém, o prêmio do ano, “por não ser uma obra perfeita”, que obtive aquela palma, então de imensa repercussão no país. Foi só nessa ocasião, quando vim da Bahia ao Rio, pela primeira vez, receber a láurea, o meu primeiro encontro com Gustavo, na redação do **Fon-Fon!**, donde êle me levaria para tomar chá na Alvear, o que, para mim, no momento, marchando ao lado da sua figura flamante, pela Avenida, tinha qualquer coisa de convizinhança com a glória pessoalmente.

Posso dizer, portanto, que nunca o perdi de vista, seguindo sempre os triunfos, a cada livro publicado, a cada honraria recebida, a cada título de ascensão: Deputado federal pelo Ceará, aos vinte e seis anos, Secretário da Embaixada da Paz em Versalhes, em 1920, Delegado Extraordinário do Brasil em numerosas Missões Diplomáticas, Membro por eleição de alguns dos mais altos institutos culturais do Brasil e da Europa, acadêmico, Presidente da Academia Brasileira. Centena e meia de livros, muitos deles destinados à mais longa permanência em nossa literatura, como aquêle **Terra de Sol**, do qual, quase meio século depois de aparecido, diz Braga Montenegro, um dos críticos mais agudos desta geração: "O livro está novo, sinal de que foi elaborado à inspiração de matéria original e verdadeira. Uma obra inteiramente retirada da vida, não dos livros ou decalcada de observações alheias", como essas coletâneas de contos regionais de **Praias e Várzeas**, **Alma Sertaneja** e **Mula sem Cabeça**, onde há exemplares soberbos da nossa novelística do sertão, ao jeito de **Luísa do Seleiro** e **Mapi-runga**, o primeiro, uma história enternecida, de profundo lirismo, na mesma pureza de um **Joaquim Mironga**, de Afonso Arinos, êste, duma agreste beleza de rapsódia bárbara na sua admirável transfiguração da vida e da gens da nossa terra; como êsses outros volumes de narrativas de âmbito universal e de várias épocas, **Bracelete de Safiras**, **Mulheres de Paris**, **O Livro de Milagres**, **Cinza do Tempo**, **Ronda dos Séculos** e **Pergaminhos**, êste, um livro único nas nossas letras, pela essência e pela forma dos seus primorosos contos medievais, alguns da mesma altura das **Lendas e Narrativas** de Alexandre Herculano; como **O Sertão e o Mundo**, **Ao Som da Viola**, **Através dos Folclore**, **As Colunas do Templo**, **Heróis e Bandidos**, **Almas de Lama e Aço**, com que se firmou o seu nome de mestre dos maiores no folclore brasileiro e no estudo da sociologia sertaneja; como essa esplêndida trilogia das suas memórias, juntamente dos seus livros os que mais falam aos homens da minha geração — **Coração de menino**, **Liceu do Ceará** e **Consulado da China**, fri-

so palpitante da vida de Fortaleza do comêço do século, de tão quente ternura pela terra natal, de tão plástica nitidez no desenho das suas figuras, de tão vivido interêsse humano e social, onde capítulos como **O velho Macaíba**, **Zé Dantas**, **O Barão de Ibiapaba**, **A tartaruga do mar**, **O vestido côr de rosa**, **O samburá**, **O Lago Champlain** marcam alguns dos pontos mais altos da sua arte de escritor; como todos êsses tomos de História pátria, seja da mais rigorosa historiografia, como **História Secreta do Brasil**, **História Militar do Brasil**, **O Brasil em face do Prata**, **Uniformes do Exército**, seja na evocação de suas grandes figuras militares, **Tamandaré**, **Caxias**, **Osório**, **O Centauro dos Pampas**; na fixação de flagrantes imperecíveis das guerras do sul — **A Guerra do Lopes**, **A Guerra de Artigas**, **A Guerra do Videu** ou no esmiuçar da *petite histoire* da longa série de estudos, mantida por tantos anos, com o maior interêsse dos leitores de todo o país, através das páginas da revista **O Cruzeiro**.

Centena e meia de livros, um mundo de imaginação e de erudição, de emoção e de poder evocativo, de interpretação histórica e psicológica, romances, contos, crônicas, sociologia, folclore, viagens, memorialismo — e, como disse êle uma vez a Josué Montelo, se reunisse tudo quanto deixou em jornais e revistas, teria mais de trezentos volumes — e o dizia, “com a serenidade e a robustez de quem se sentia em condições de fazer outro tanto, com a mesma fluência e o mesmo gôsto”.

Ao lado de tôda essa atividade literária não há como esquecer também o que representa um verdadeiro patrimônio espiritual e material do nosso passado, amalhado por êle, desde os alicerces, como fundador e Diretor do Museu Histórico Nacional, em tantos anos de dedicação ininterrupta, desde a sua criação pelo Presidente Epitácio Pessoa, em 1922.

“Lá está de pedra e cal, corpórea e vasta, em forma de monumento público, a obra missionária do escritor que sonhou ser voluntário da Pátria às ordens de Caxias — escreveu Pedro Calmon a respeito dêste Museu: — é o imenso retrato da sua fé; o escrínio das relíquias de um Brasil diferente. Entre-se nesse



palácio de anticalhas, que foi Arsenal de Guerra, e mantém, nas suas linhas coloniais, a sólida majestade de uma praça d'armas, a que a arquitetura da Exposição do Centenário acrescentou os arrebuques barrocos, adequados à sua função comemorativa. Tudo ali é um florilégio enorme da História Pátria, desenhada em detalhes faiscantes de emoção e valor; com a competente ferramenta, e o seu cabedal de aço e bronze, e o seu tesouro de trofeus, e a sua sequela de informes e documentos, e a sua abundância de espadas e estandartes, e a sua policromia de telas e brasões, e a sua fartura de insígnias e metais. Diretor, fundador, animador dessa casa de intangível e pura brasilidade, há trinta e sete anos Gustavo Barroso lhe dispensava a solicitude do lavrador, cuidando, religiosamente, do seu campo. Edificou-a com a dedicação de todos os dias; defendeu-a com zelo, até a bravura, de um alcaide antigo que tivesse a seu cargo a torre senhorial. Defendeu-a, principalmente, da incompreensão, da hostilidade, da indiferença; e de tal sorte que nem a indiferença, nem a hostilidade, nem a incompreensão conseguiram arrebatá-lo as chaves do seu castelo ideal. Lega-o engrandecido e indestrutível às novas gerações. Ele próprio citava muitas vezes o caso do velho lobo do mar, que, não podendo mais correr às aventuras da profissão, ensinava aos moços os seus segredos. Instalou ali o seu curso de museologia. Rodeou-se de livros. E, à medida que foi perdendo as ilusões do mundo (às quais, em verdade, pagou um tributo doloroso), aperfeiçoou sem descanso a doutrinação histórica."

Raimundo Magalhães Júnior, evocando-lhe a figura, na Academia, acentuava também "a surpreendente circunstância de abrimos, ainda esta semana, a última edição de *O Cruzeiro* e ali encontrarmos, como durante todo o resto do ano, sua colaboração hebdomadária sobre os *Segredos e Revelações da História do Brasil*, repetindo, assim, a extraordinária façanha de Artur Azevedo, que, depois de morto e enterrado, continuava a publicar ainda a sua colaboração nas colunas de *O Século* e *O País*. Gustavo foi também um prodigioso trabalhador. Na sema-

na de sua morte, circulava o primeiro volume de sua **História do Brasil em quadrinhos**, preparada para atender ao apêlo de um grande editor, Adolfo Aizen”.

Realmente, nesse particular, eu me lembro de que nunca o fui visitar no seu gabinete do Museu, que não o visse escrevendo, naquela mesa de jacarandá, de largos pés torneados de bolacha, que pertencera a Coelho Neto, como acentuou Josué Montelo, na crônica em que também o recordava, há dias: “Era ali que êle gostava de ficar, entregue ao enlêvo da própria escrita, a ouvir no largo silêncio circundante o rumor da pena a deslizar nas grandes fôlhas de papel”.

Escrevia, de fato, sempre a mão, numa letra firme, ligeiramente arredondada, e as linhas do manuscrito lhe saíam fâceis e limpas, quase sem rasuras, numa fluência que era bem o sêgrêdo de sua linguagem sem tropeços nem atavios.

Do mesmo passo, vem-me também à memória uma tarde de tórrido verão, por volta de 1931, quando, como fazia todos os domingos, nos meus primeiros tempos do Rio, eu tinha ido almoçar em casa de Olegário Mariano. Depois da comida, para afugentar a quebreira que o calor nos vinha trazendo, Olegário propôs irmos visitar Gustavo Barroso, na sua casa da rua Sá Ferreira. A tarde, em Copacabana, fervia com tal iridescência, como as ardentes soalheiras do nosso longe sertão nordestino. Com certeza Gustavo estaria derrubado pela sesta, iríamos tirá-lo da cama, porém, para grande surpresa nossa, fomos encontrá-lo na sua mesa de trabalho, o paletó do pijama (quando não se usava o cômodo blusão de hoje) alagado, o rosto vermelho da hora, um grande charuto entre os dedos, preparando um trabalho literário para alguma das nossas revistas.

Olegário não conteve o espanto:

— Como é que você pode escrever com um calor dêstes, criatura?

E êle, muito naturalmente:

— Pois é. De fato, com êste tempo, a gente não pode nem ter vergonha, quanto mais vontade de trabalhar...

E, assim que saímos, vimo-lo, pela janela, voltar à banca, na mesma serena disposição do plantador de roçado do Ceará, lançando à terra as suas sementes, sob o fogo do céu.

Daí, o milagre daquela montanha de livros, que lhe dobrava os anos de idade. Tudo aquilo nutrido sempre daquela profunda substância brasileira que foi a sua característica mais constante, na linguagem que também foi sempre a sua, límpida, sonora, vibrátil, correntia e sensual, com ecos de vozes do sertão e do mar, cheiro de terra molhada de chuva e de fruta do mato.

Mesmo quando se ocupava de coisas e de homens alheios à nossa terra, o espírito brasileiro não falta nunca em seus escritos, de acôrdo, aliás, com o conceito que certa vez êle próprio externou:

“Um artista brasileiro pode escrever, pintar, esculpir motivos estranhos à nossa terra e à nossa gente, sem deixar de ser brasileiro. O cunho do seu nacionalismo está na sua interpretação: as maravilhas esplendentes saídas das manoplas informes do Aleijadinho são da arte barroca do sul da Europa; contudo, nada mais profundamente brasileiro. E Bilac, cantando Frinéia e Cleópatra, não as cantou com o dácio ou o espondeu arcaico, nem com os ritmos do Egito helênico, porém, sim, com versos refulgentes como o nosso Sol, perfumados como as nossas matas e iluminados de languor como a nossa saudade”.

Daí, também a presença do Ceará em tudo o que escrevia. Como disse uma feita Adelmar Tavares, saudando-o na Academia, “nunca a sua paisagem, suas aves, suas flôres, seus céus, suas umarizeiras e catanducas, seus jucás e mulungus, seus angicos e suas emburanas, deixaram de fazer sombra de saudade em suas páginas”.

Mas, isso tudo ainda não é tudo o que se possa dizer dêle, porque fora dos seus livros ainda ficaria o homem cordial, cuja aproximação não parecia às vezes muito fácil, mas de uma grande ternura para os seus amigos, como acentuava ainda Adelmar naquela ocasião:



“Ês bem filho da terra em que nasceste, forjado o teu caráter no fogo dos seus sóis, dulcificada a tua alma no favo das suas jatis... Ês como as juremas do Ceará: — podes ter espinho, mas também quanta flor!...”

No mesmo sentido é êste depoimento de João Clímaco, ao fazer-lhe o elogio, em nome da Academia Cearense de Letras, alguns dias depois da sua morte:

“Eu o vejo, neste instante, através da lembrança, como o vi no nosso primeiro encontro. Havia eu chegado na véspera, do Rio de Janeiro. E fui levado por um amigo para conhecer Gustavo Barroso, hóspede de uns parentes no largo do Passeio Público. Encontrei-o conversando. Mal interrompeu o longo monólogo para estender-me a mão. Mas não havia enfado naquele gesto sêco apenas na aparência. Tive a impressão de que êle me esperava, pois, desde aquêlê instante, se dirigia a mim como velho conhecido.”

E ficaria também de fora êsse mesmo conversador fascinante, capaz de prender-nos horas a fio, como ainda há três meses nos prendia, a mim, a Moreira Campos e Braga Montenegro, num almôço em casa dêste último, em Fortaleza, e, dias depois, a tôda a minha gente reunida à sua roda, no velho alpendre do nosso casarão do Meireles, onde me fôra visitar em despedida, contando anedotas e casos do Ceará do seu tempo, nos quais o velho Felino Barroso, seu Pai, era dos mais impressionantes figurantes, e de todos os outros relembando os nomes, os traços fisionômicos, e os tiques próprios, na mais fabulosa retentiva. Não buscava nenhum efeito, o reparo ou a história vinham-lhe naturalmente, ao correr da conversa. Falava-se, por exemplo, nos árabes de Fortaleza, quase todos do seu conhecimento, por sinal, e logo êle observava que quando êles chegam ao Brasil, com a lata de mascate nas costas, são chamados de **turcos**; depois que montam um armarinho, passam a **sírios**; finalmente, quando milionários, viram **libaneses**. Então contava, a propósito, que naquele dia mesmo havia almoçado em casa de um dêles,

seu velho amigo de mais de quarenta anos, desde os tempos de mascate, já libanês agora, e lhe dizia:

— Mas, Nagibe, você há meio século no Ceará, porque é que não fala direito o português?

E o outro, em resposta:

— Gustavo, impossível, português língua muito difícil. Uma palavra igual quer dizer muitas coisas. Quer ver? Passarinha branca no beira do telhado — pomba. Essa coisa de tira água do chão — pomba. Caixa redonda de bater no carnaval — pomba. Brincadeira de estouro no S. João — pomba. Menino perde exame no colégio — pomba. Tudo mesma palavra, tudo coisa diferente. Impossível, Gustavo. Língua muito difícil.

Casos dêses se repetiriam às dezenas, sempre do mesmo pitoresco e do mesmo imprevisto. E ficaria ainda o grande orador que êle foi, tanto na tribuna das conferências literárias, quanto no discurso de circunstância, duma eloquência que muitas vêzes, mesmo nos improvisos, era das mais altas, mas sem qualquer ranço de classicismo obsoleto, a frase ampla, o conceito direito, as citações apropriadas — longas citações quase sempre de cor, em francês, inglês, latim ou vernáculo — o gesto dominador, a dicção de cristalina pureza, na sua lenta e medida elocução.

Algumas páginas da sua oratória, como a saudação a Rudyard Kipling; **Meus encontros com Eça de Queiroz**, pelo centenário de Eça; os perfis de Araripe Júnior e Sílvio Romero, também pelo centenário de ambos; **O realismo espanhol de Cervantes**; sua aula sobre o conto popular no Brasil, no Curso de Conto, realizado em 1956; e, acima de tudo, o verdadeiramente maravilhoso discurso com que saudou a Embaixada Especial de Portugal, na noite de 9 de agosto de 1941, arrebatando literalmente a assistência, figurarão para sempre como das mais belas orações já proferidas em qualquer tempo, na Academia Brasileira de Letras.

“No primeiro ato do **Aiglon** de Edmond Rostand — lem-

brava êle naquela noite — o Duque de Reichstadt diz a Maria Luísa, sua mãe:

Oui, Metternich, ce fat,  
Croit avoir sur ma vie écrit: — Duc de Reichstadt!  
Mais, houssez ou soleil la page diaphane:  
Le mot Napoléon est dans le filigrane!

Desde as epopéias bandeirantes, escrevemos a nossa história, na ousada marcha para o Oeste, decifrando os enigmas do Sertão; escrevemo-la com o sangue de três raças na guerra contra os holandeses, duas vezes coroadas pela vitória nos campos dos Guararapes; escrevemo-la com o ouro de nossas minas e os diamantes dos nossos garimpos; com o suor do nosso trabalho nas lavouras latifundiárias; escrevemo-la com o martírio dos Inconfidentes; com as lutas pela posse das fronteiras meridionais cobiçadas pelo castelhano; com a Constituição do Reino e a formação do Império, de Caiena ao Rio da Prata; com a sabedoria de D. Pedro II e com a espada unificadora de Caxias; com as vitórias de Caseros, de Paissandu, de Riachuelo, de Tuiuti, de Avaí, de Lomas Valentinas e de Campo Grande; com a libertação dos escravos e com a República. A palavra Brasil enche durante êsses três séculos as páginas da história: Brasil, Brasil, Brasil! Mas, ponde contra a luz solar da verdade essas páginas diáfanas e vereis continuamente o nome glorioso de Portugal nas filigranas”.

Gustavo Barroso está inteiro nessas poucas palavras, na sua linguagem própria, no seu estilo mais pessoal, nas suas idéias, nos seus sentimentos, na sua coragem de afirmar-se.

Sabemos, de fato, muito bem, da sua grande afeição a Portugal, principalmente ao Portugal do passado, e foi mesmo a última vez em que o ouvi, numa aula magistral do Liceu Literário Português, evocando o ciclo das grandes navegações de Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral, através dos códices, dos *Lusiadas* e da palavra de Gago Coutinho. Mas, é que, na bela sín-



tese de Austregésilo de Ataíde, era com o passado que êle alimentava a sua paixão pelo Brasil.

Brasileiro cento por cento, proclamava-se, com ênfase, e assim era, mas, acima de tudo, cearense até a medula, como o fôra o velho Pai, que só o sobrelevou nesse culto, por ter vivido trinta anos mais do que êle.

Aquela volta ao passado vinha de longe, e era assim que êle se referia ao olhar retrospectivo que estava sempre lançando ao Ceará, quando falava, numa festa, a um grupo de amigos, em 1933:

“Cada vez que o lancei ao rincão onde nasci, ou à tradição da minha gente, ou à história do meu país, senti-me maior e mais preparado para vencer. Êle foi tôda a minha energia; êle fêz tôda a minha obra de homem de letras e de cidadão”.

Ninguém, na verdade, amou com mais entranhado amor a sua terra e principalmente a sua cidade natal, na sua paisagem, nas suas coisas, nas suas criaturas, nos seus hábitos, nos seus folguedos populares, nas suas comidas típicas, nas suas frutas. Fortaleza vivia dentro dêle, como êle vivia eucaristicamente integrado nas suas ruas, nas suas praças, nas suas casas, nas suas praias, em cada pé de cajueiro do Meireles, em cada carnaubeira das várzeas de Mecejana, em cada risco do espelho da Lagoa da Porangaba. Como disse tão bem Eduardo Campos, em crônica recente num jornal do Ceará, Gustavo Barroso era parte do riacho do Pajeú, parte do Parque da Liberdade, do Poço da Draga e de tantos lugares pitorescos de Fortaleza. Sabia tudo da sua cidade, era capaz de lembrar todos os moradores das suas ruas principais. Citava alguém, por exemplo, uma casa da rua Sena Madureira, esquina do Beco do Pocinho, e êle saltava logo com o nome de seu dono no começo do século, numa informação que não falhava nunca. Encontramo-nos certa manhã, na Universidade do Ceará, onde fôra entregar ao Reitor os originais de seu último livro, uma seleção de artigos do *Cruzeiro*, relativos à nossa terra, e, de repente, me pergunta se eu sei que casa ficava naquele mesmo lugar, no passado. Digo que sei apenas

que ali era a residência do coronel José Gentil, nada mais. Ele, porém, acrescenta logo, com a presteza natural de quem tivesse consultado um escaninho de arquivo, que ali ficava a casinha pintada de azul do velho Machado, na qual Pápi Júnior situou os encontros amorosos de Luísa e do Simas, no seu vigoroso e esquecido romance; enquanto em frente, no terreno da esquina, morava sozinho o velho general francês Painlevé, solteirão e excêntrico. Passava os dias fardado, de botas de montar, de cano alto, sentado no alpendre da casa. O sítio era cercado por uma estacada de taliscas de madeira, à meia altura, que os moleques da rua gostavam de percutir com um pau, correndo diante dela, para lhe arrancarem um tamborilar de teclado rústico, do mesmo passo que as galinhas dos vizinhos saltavam por cima e vinham ciscar no terreiro do general, que, implacavelmente, de carabina em punho, as fusilava. Para evitar êsse duplo dis-sabor, mandou ele então construir em torno da chácara um muro alto, como de fortaleza, e lá passou a viver tranquilo o resto dos seus dias.

Doutra feita, ao agradecer uma homenagem na Academia Cearense de Letras, sediada hoje na casa do velho Tomás Pompeu, na rua 24 de maio, era assim que ele recordava, na mesma efusão da memória, aquêlo canto da cidade que lhe estava indelêvelmente gravado na lembrança:

“Ali, naquela esquina, num prédio de platibanda alta, com mezaninos, foi o meu colégio. Ali cursei três anos da série primária, sob a direção do saudoso professor Lino da Encarnação. Na esquina, em frente, havia uma venda de chão de terra batida com calçada de tijolo, já desaparecida, a venda do “Lopicínio”. Quando a gente saía do colégio, ia lá comprar um tostão de biscoitos **Facão**, que não se fazem mais e que não posso mais comer. Lá está a praça batizada e crismada com vários nomes, mas que se chamava do Marquês do Herval. Havia dum lado o quartel de polícia e a Escola Normal, com a cavalaria no meio. A família Padilha morava do outro lado, e o velho Belarmino de Vasconcelos na outra esquina. No meio da praça, forrada de

matapasto, cresciam carrapateiras cobertas de salsa de flôres violetas em volta das ruínas dum famoso teatro que o govêrno jamais quis concluir, e foi necessário destruir, a dinamite, para ajardinar a praça crismada em Senador Nogueira Accioly. Rodeavam-na velhas mongubeiras e castanholeiras, dominavam-na os sombrios tamarineiros seculares. Êsse era o nosso recreio e campo de batalha, porque muita vez saímos forçados contra o colégio do padre Barbosa de Jesus, que ficava na outra rua. Nesses combates tomávamos parte com os bolsos cheio de caroços de monguba, conduzindo na mão uma tampa de latã de querosene que nós servia de escudo... Aqui vizinho ficava o palacete do Dr. Nogueira Accioly, com duas grandes araucárias como dois triângulos verdes na porta principal. Nesta casa solarenga morava o Dr. Tomás Pompeu, que meu pai chamava, familiarmente, de Tomàsinho e que tinha sido seu companheiro de mocidade. Havia uma porta que dava para o jardim do Dr. Accioly, por onde o Dr. Tomás Pompeu se comunicava com êle. Passava eu aqui duas vêzes: de manhã, quando ia para o colégio, à tarde quando voltava das aulas ou algumas vêzes à noite, quando acontecia ficar prêso. Êste espelho é meu conhecido desde os nove anos de idade. Eu o contemplava ao passar pela janela aberta."

Quando as cidades adquirem essas vivências, essa acuidade de detalhes emotivos, incorporam-se definitivamente conosco, passam a fazer parte mesmo da nossa carne e do próprio sangue. Ê fato que há nessa endosmose afetiva uma certa autoflagelação, um machucar das fibras mais íntimas do coração, porém é tão bom que não nos furtemos nunca a reviver êsses momentos, pelas compensações que nos dão, como o próprio Gustavo acentuava ainda, naquela hora:

"Quem como eu tem andado por longínquas terras, frequentado tantas pessoas, convivido com homens de tantas categorias e torna a sentir-se de novo no meio dos seus amigos, na sua terra, olhando cabelos que envelheceram como os nossos, as rugas que se fizeram como as nossas, sente voltar es-



sas lembranças que nos são caras com uma fôrça tão grande que nos martiriza. Quando se está longe do Ceará, é dolorida a mágoa, mas quando se volta, integrando-se com a terra, sente-se como se ela fôsse balsâmica, como se corresse por nossa alma um perfume de rosas. Dá vontade de tirar os sapatos e sentir na sola nua dos pés o contato carinhoso das calçadas.”

Dizia Gustavo às vêzes que muita gente já pensava que êle estivesse tresvariando certas horas, pois não era raro andar falando sozinho pelas ruas da cidade. Mas, é que falava com os mortos. A cada porta, a cada esquina, encontrava, ao passar, os homens provectos do seu tempo, os amigos ou simples conhecidos, cuja presença podia corporificar tão nitidamente como aos seus contemporâneos de agora.

Sabia também os nomes de todos os homens de prol de Fortaleza, como os dos coronéis e cangaceiros do sertão. Podia enumerar tôdas as árvores do Ceará, todos os peixes, tôdas as aves, todos os utensílios do vaqueiro e do jangadeiro; repetir, na fala descansada e tão rica de modulações locais, as suas vozes, o rigor de tôdas as suas locuções e barbarismos; refazer o gesto próprio do matuto; dar o toque exato de um trecho da paisagem das várzeas e das serras; diferenciar o canto de qualquer passarinho; reconstituir com nitidez quase gráfica a geometria de tôdas as casas grandes das ribeiras sertanejas por onde andara na sua adolescência; desenhar os **sinais** e as marcas de todos os gados; discriminar a raça de todos os cavalos do seu longo trato nas estradas e nas caatingas do sertão; entoar seguidamente cantos e cantos dos **Fandangos**, dos **Congos**, dos autos das **Pastorinhas** e do **Bumba-meu-boi**; descrever todos os pratos cearenses, cujo sabor dizia preferir a tôdas as extravagâncias de qualquer cozinha estrangeira, como frisava no almôço em casa de Braga Montenegro: nada como a gostosa linguça do Maranguape, a galinha de cabidela, no velho estilo do Ceará, ou o pé-de-moleque de puba com castanhas de caju, com que a espôsa daquele escritor cearense o regalara. Dias antes, empanturrara-se, como êle próprio contava depois, com uma vasta panelada na

casa de uns primos de Mecejana, e, no jantar que nos ofereceu no suntuoso Clube Náutico, do Meireles, o vi servir-se, às 10 horas da noite, deleitosamente, dum enorme prato de cavala cozida, reclamando um prato fundo, pois “peixe cozido só mesmo com caldo e pirão”, e mandando ainda preparar como sobre-mesa uma **cartola** — enorme fatia de queijo de coalho do Quixeramobim, frita, com duas bananas também fritas, com muito açúcar, por cima.

Daí que suas histórias, orais ou escritas, tinham sempre uma nota de autenticidade insuperável, um sabor de coisa local específico, uma interpretação fidelíssima de gentes e costumes e animais, uma vibração anímica saída do próprio coração.

Isso tudo, no entanto, não o impedia de noutros lugares se entregar a requintes como o que me recordava, há dias, nosso conterrâneo Paulino Salgado.

Criatura de carne e osso, sem nenhum artificialismo, chamava às vezes aquele amigo, para irem comer umas frutas francesas num restaurante dos mais caros do Rio, e, ante qualquer objeção do companheiro, dizia pilheriando:

— Menino, vamos aproveitar, enquanto estamos vivos!

A razão daquele extremado pegadio à terra natal êle a explicava, ao fazer setenta anos, com estas palavras, ao mesmo tempo tão simples e de tão profundo sentido humano:

“Tenho vinte anos de Ceará e cinquenta de mundo afora. Vivi no Rio êsse meio século quase todo, estive nos Estados Unidos e na Europa, várias vezes em Paris e em Portugal, mas aqueles vinte anos colocados na balança pesam duzentas vezes mais, porque a intensidade daquele diálogo foi maior que a dispersão que se operou. Naqueles vinte anos há uma concentração de afetos, de sentimentos, de compreensão entre mim e a terra. E nesses cinquenta anos há uma dispersão por outros rumos, outras gentes, outras terras, outras personalidades”.

Visitando-lhe, em Lambari, o **Retiro do Lago**, o sítio onde êle se refugiava em tôdas as férias disponíveis — e de que dizia “humildemente comparando, ser como aquele moinho que Al-

phonse Daudet alugou para dêle escrever as deliciosas *Lettres de mon moulin*, embora seu ocupante não tenha pretensões a ser um Daudet” — a cearense Lourдите Cunha foi encontrar, emocionada, gravioleiras, cajaraneiras, ingazeiras, cajueiros, predominando na cultura de frutas européias e sulistas.” Era o Ceará também representado nas matas do **Retiro**, cheias de paus d’arco, mulungus, sabiás, carnaúbas e coqueiros”.

Por último, vivia se lamentando por ter emigrado, estava indo todos os anos ao Ceará, como fêz ainda em agosto passado, sem saber que era a sua despedida final — e uma das imagens que dêle guardarei comigo para sempre é a de uma tarde, em que, neste mesmo pátio, entre estas *maquettes* brancas de estátuas e a pouca distância daquela jangada do Ceará, êle me dizia, numa revolta que quase o sufocava:

— Seu Herman, quando eu me lembro dos cajus do Meireles que perdi, das atas, das mangas, das laranjas de Russas, dos melões do Aracati, dos sapotis do Benfica, das graviolas... então das graviolas!... eu digo: Burro, burro, burro!” — e os olhos se lhe enchiam de lágrimas, a voz na vizinhança de um soluço.

Esse lamento, no entanto, não era de hoje apenas, desde quando, já em 1933, naquela mesma festa de amigos, assim falava no recolhimento com que de contínuo estava se lembrando da terra natal:

“Meus olhos voltam-se para dentro, para o meu microcosmo, a perscrutar minha própria alma... E como uma quaresmeira se cobre de flôres violetas, eu floresço em saudades da minha infância e da minha adolescência na terra nordestina, mãe de prodígios. No meio dos ruídos e pressas da vida urbana, que o dinamismo dos corpos e das almas agita, penso no meu sertão. Vêm-me lampejos do sol que arde nas várzeas escaldantes e entra-me pelos ouvidos, dominando o rumor febril das ruas, o alto canto das graúnas pela extensão sussurrante dos carnaubais... Invoco a brancura das estradas sinuosas sob o luar melancólico, no perfume das noites de maio. Lembro os



vastos carascais cobertos com a dalmática bizantina das jiteranas roxas. Rememoro as silenciosas matas das serras, cate-drais de esmeralda dentro das quais chove a luz em moedas de ouro. E vejo, no tôpo do sêro atapetado de relva, a ampla casa hospitaleira dos meus parentes, com a sua varanda festivamente embandeirada de rêdes. Lá vai o gado a mugir, nã tarde mística, em busca do curral. Lá vai o carro de bois, cantando pelo caminho do açude. Lá vai a cabocla, que cheira a manjerição, rumo da palhoça, com o pote de água da ipueira à cabeça. Lá vai... E tenho vontade de gritar:

— Tragam meu cavalo de campo para eu galopar pelo meu sertão!...

Mas o meu sertão está longe e o meu cavalo de campo morreu..."

Na comovida oração que lhe consagrou no Instituto do Ceará, um mês depois de sua morte, Raimundo Girão lembra-va sua derradeira mensagem a um amigo de Fortaleza, na qual aquêle apêgo à terra natal se exterioriza numa pungência con-tagiosa:

"Escrevo estas palavras, imobilizado numa poltrona, atena-zado de dores por uma enfermidade pèrfida e cruel. Perdi o contrôle de parte do meu coïpo, mas conservo íntegro, graças a Deus, o do meu cérebro, e quero consignar por escrito muita coisa que vi e ouvi num velho Brasil, que a revolução de 1930 começou a matar e já não existe mais senão nas memórias e nos corações, cuja duração tem seu limite na morte. A minha única intenção é ser útil: fornecer algumas achêgas pessoais aos que estudam, nesse período, a sociologia brasileira.

O Ceará, muito especialmente Fortaleza, foi e continua a ser o meu mundo. E continuará sempre, estou certo. Não um mundo que eu comando, mas um mundo que me comanda através do espaço e do tempo, onde quer que eu vá, seja qual fôr a época. Tamanho poder lhe foi dado, porque foi o primeiro mundo, mundo em que, hora a hora, dia a dia, ano a ano, durando e tomando forma, fui no corpo e na alma descobrindo tôdas as

coisas do mundo. O Ceará é o mundo em que sempre me recor-do e vejo, só ou acompanhado de tudo quanto vi e toquei desde o berço. Continuarei a viver nesse mundo até que se me apague a derradeira luz do mundo! Meu mundo querido e único!"

Mal regressara do Ceará, em setembro, sabendo-o irreme-diavelmente perdido, não fui vê-lo nunca mais. Queria preser-vá-lo, como êle me aparecera naquela manhã de 1914, diante do mar verde, que estrondava por baixo da ponte metálica do Cea-rá, como eu o via sempre, naquela sua despreocupada apostu-ra de homem que se diria bem dotado fisicamente pelos deuses gregos. Todos os dias me inteirava da gravidade crescente do seu mal, atordoado pelo fulminante desmoronamento daquele belo gigante que ainda um mês antes andava em tôda a pujança da sua natureza cearense da melhor cêpa, em tantos de nossos encontros nas ruas de nossa capital.

Diante do seu esquite, tolhia-me o receio de olhar-lhe pela última vez o semblante, talvez desfigurado, mas, afinal, tinha de vê-lo ainda. A morte não lhe alterara, no entanto, as feições, apenas lhe dera à máscara uma certa dureza que êle não tinha, uma grave e um tanto ríspida severidade de traços, naquele seu primeiro diálogo com a Eternidade.

Mas, o clarim do Dragão da Independência, logo mais, no toque de silêncio, quando seu corpo ia baixando ao fundo da terra, caiu tão doridamente, na calma do crepúsculo sôbre os túmulos, que o lamento me veio, então, incontido, menos da bô-ca do que do coração:

— Agora, acabou-se.